

APRENDER-DESAPRENDER- REAPRENDER A DINÂMICA DA AULA UNIVERSITÁRIA.

Arnaldo Nogaró*

Resumo: O texto produzido tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre a pertinência, espaço da aula no contexto pedagógico universitário. Fala-se muito sobre as transformações do cotidiano e seu impacto na vida da escola e no fazer do professor. O que realmente tem de verdade nisso? Que mudanças ocorrerão na prática de sala de aula? As novas tecnologias vão suplantando o trabalho do professor? Este questionamento tem ficado à margem e não tem sido preocupação de muitos professores universitários que continuam “dando” aula como se nada de diferente estivesse acontecendo na sociedade e no conhecimento. Em decorrência da ausência de uma formação específica de natureza pedagógica, mantêm sua rotina sem se sentirem incomodados com as críticas dos alunos, mantendo-se firmes e convictos de que “quem sabe, ensina”. Nossa preocupação é provocar os educadores, alunos, futuros professores e outros agentes, para que se perguntem sobre como vêm a aula e o que poderia ser diferente nela.

Palavras-chave: Aula;. Professor;. Planejamento.

Gênese do texto

Todos os dias somos bombardeados por informações de diferentes fontes e ordens, causando em nós uma certa angústia diante da impossibilidade de conhecê-las na totalidade. Não conseguimos absorver grande parte delas, muito menos aprofundar seu teor. Isto tudo, fruto dos variados meios de comunicação e informação que dispomos ou que estão ao nosso alcance. O desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação construiu novos canais de acesso à informação, levando ao questionamento da escola enquanto local do saber e transmissora de informações. O questionamento faz-se na direção do papel do professor, de seu lugar como interlocutor com a informação transmitida ao aluno.

Novas possibilidades de acesso à informação são criadas, fazendo com que inúmeros pesquisadores, jornalistas, estudiosos emitissem seus prognósticos a respeito do futuro da escola e do trabalho do professor. Não poucos estimaram que a “tradicional” sala de aula¹ (leia-se aula) estaria com os dias contados e que surgiriam novas formas e procedimentos para fazer a intermediação informação²-aluno . Com isso, a aula convencional estaria despedindo-se do cenário escolar. Estamos atentos a estas previsões e acreditamos que ocorrerão transformações, talvez não tão radicais, mas na direção de repensar o que chamamos “aula” em conformidade com o que acreditamos que seja fundamental para fazer a mediação da informação (cada vez em maior quantidade e chegando com mais rapidez) – alunos (sujeitos que terão outro perfil, diferenciado de nossas descrições mentais ideais)³.

A reflexão que pretendemos construir caminha no sentido de contribuir para o exame e crítica da aula, sua necessidade e importância para o contexto pedagógico atual. Autores como: Veiga (2008), Pimenta (2004), Morais (2006), Masetto (2003), Zabalza (2004) e outros, já escreveram sobre esta e, portanto, não imaginamos que conseguiremos abordá-la em maior plenitude. Apresentaremos algumas perspectivas que consideramos oportunas em razão de nosso olhar sobre o assunto. Para dar sustentação e maior riqueza a nossa produção escrita, procuramos tomar contato com obras e estudiosos da problemática, com a intenção de ancorarmos nossas idéias ao já pensado e escrito, permitindo, assim, que o texto ganhe consistência e maior legitimidade, ao mesmo tempo em que permanecemos em alerta para não refazer caminhos já existentes.

Nossas observações atestam que aumenta cada vez mais o número de professores que encontram dificuldades de conduzir sua aula. Alunos, por sua vez, manifestam-se questionando e colocando em xeque o que o professor faz e a forma como organiza o tempo/espaço de sua aula. “Queremos aulas diferentes!” “A aula foi chata!” “É sempre a mesma monotonia!” “O professor não dá aula!” “De novo essa aula!” Estas e outras manifestações ocorrem todos os dias, basta circular pelos corredores da universidade e ficarmos atentos. Como mudar isso? Ainda há lugar para a aula? Que fazer para chegar ao que o aluno espera da aula? É única e exclusivamente responsabilidade do professor propiciar essa “boa” aula? Estaria decretada sua falência? O que tem de diferente o professor que é elogiado por sua aula? Estes e outros questionamentos remetemos a este texto, com a intenção de problematizar a “aula”.

O espaço, tempo denominado aula

Temos, como intuito trazer, na abordagem inicial, o que diferentes teóricos e estudiosos compreendem por aula. A trajetória ou a compreensão de como tem se constituído historicamente não será objeto nosso, uma vez que Silva⁴ faz uma descrição detalhada da aula no contexto histórico, dentro das diferentes tendências educacionais, e está ao acesso de quem desejar saber mais sobre isso.

Ferreira (1999) define aula como sala em que leciona; sala de aula; lição ou exercício ministrado pelo professor num determinado espaço de tempo. Silva (2008, p. 36) orienta-se pela concepção de aula em um universo mais aberto e abrangente.

[...] como a dimensão da organização do processo educativo, tempo e espaço de aprendizagem, de desconstrução e construção e não se veicula a um lugar específico, uma vez que a aula pode realizar-se em espaços não-convencionais, para além de uma sala retangular com cadeiras e mesas dispostas linearmente, com um quadro de giz na parede e um espaço central para o professor.

Ao interrogarem se a aula é espaço de distribuição ou sistematização coletiva do conhecimento (?), Martins e Romanowski (2008) entendem que ela se circunscreve nas relações sociais estabelecidas no contexto

histórico onde se efetiva. É mediada pelas relações sociais estabelecidas entre professores e alunos, de forma prática. As formas de organização da aula vão expressar os modos de ser, agir e pensar dos homens em cada tempo histórico, sistematizadas em teorias pedagógicas.

A aula envolve diferentes aspectos e etapas, sendo sua definição conceitual restrita à sua significação escolar, associada à “[...] descrição, análise, compreensão e interpretação, se se entende que ela é , planejada e operacionalmente, um todo que se revela pormenorizado em suas partes, ou seja, objetivo, finalidade, conteúdo, método, técnica, tecnologia e avaliação” (apud VEIGA, 2008, p. 48). Veiga (2008, p. 267) aproxima sua definição de aula ao que comumente tem sido feito em nossos espaços educacionais, como “[...] lugar privilegiado da vida pedagógica, refere-se às dimensões do processo didático – ensinar, aprender, pesquisar e avaliar – preparado e organizado pelo professor e seus alunos.” Masetto (2003b) defende aulas vivas. Sugere que sejam modificadas e alteradas para que venham se tornar efetivamente ambientes inovadores na vida dos participantes de um processo de aprendizagem, podendo acontecer em quatro perspectivas: como um grupo de pessoas buscando objetivos comuns, como (con)vivência humana e de relações pedagógicas, como espaço de relações pedagógicas e outros ambientes de aprendizagem (aulas de outros modos).

Cordeiro (2007) explicita que a aula é o espaço nuclear da formação, no contexto da universidade, e que ela se desenvolve dentro de um ambiente que historicamente vem sendo denominado de “sala de aula”, embora haja outros espaços que abrigam a aula. Na sua visão, no âmbito da universidade, “[...] esse é o lugar privilegiado da formação, do exercício e da intervenção pedagógica: espaço culturalmente construído, em que os significados são marcados pelas práticas e pelos saberes dos sujeitos que os constroem” (CORDEIRO, 2007, p. 116).

Zabalza (2004), ao tratar das exigências pertinentes ao professor universitário, demonstra que o exercício da docência, para aqueles que efetivamente valorizam seu trabalho em sala de aula e não o fazem apenas como uma atividade secundária, demanda uma série de preocupações antes e depois da aula que garantam seu sentido didático.

A qualificação científica e pedagógica deste é um dos fatores básicos da qualidade da universidade. Portanto, é fundamental que o professor universitário possua estas competências para o exercício de sua profissão. Esta idéia fica mais bem fundamentada com a visão de totalidade de Masetto (1998), que define como essencial ao professor a formação: na área do conhecimento, no aspecto afetivo-emocional, de habilidades e de atitudes e valores.

O compromisso maior de quem desenvolve a docência⁵ é fazer com que seus alunos aprendam. Mas, no ensino superior, muitos professores não pensam e nem agem assim. Não se preocupam com o modo como os alunos aprendem e vêem o fracasso como resultante da falta de interesse, do pouco estudo, da ausência de capital intelectual de base e não se consideram como cúmplices por eles não serem bem sucedidos. Descentram para o aluno a responsabilidade da aprendizagem, depositam sua identidade na pesquisa e no conhecimento de sua especialidade, deixando como secundário o exercício da docência.

Quando falamos sobre ensino, aludimos também ao processo de aprendizagem: ensinar é administrar o processo completo de ensino-aprendizagem que se desenvolve em um contexto determinado, sobre certos conteúdos específicos, junto a um grupo de alunos com características particulares. (ZABALZA, 2004, p. 123).

Talvez, o que lhes falta seja formação e compreensão dos processos que envolvem a atividade de ensino e aprendizagem para que se transformem em especialistas destas. Segundo Gil (2007), o professor universitário precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função.

Ao exercer a docência o professor imagina e procura fazê-la explicando, argumentando, mostrando, colocando-se como facilitador e guia do aluno. Mas, para que a aprendizagem do aluno ocorra, são necessários outros elementos, como um bom planejamento, informar-se sobre as características do grupo com que vai trabalhar, selecionar adequadamente o material didático, expressar-se com linguagem clara

e adequada ... Zabalza (2004), ao falar do perfil docente, afirma que o importante não é que se fale ou explique-se bem os conteúdos; o importante é como eles são entendidos, organizados e integrados em um conjunto significativo de conhecimentos e habilidades novas.

Como não há exigência legal, de que os professores sejam portadores de formação didática, para o exercício da docência no Ensino Superior, o que tem se verificado em um universo significativo é que eles acabam aprendendo seu ofício por imitação ou fazendo o que seus professores faziam, ficando este muito na dependência dos dotes naturais de cada um, de seu empenho como autodidata. Masetto traduz uma crença difundida no meio universitário, orientadora da escolha do professor: “[...] quem sabe, automaticamente, sabe ensinar.” (1998, p. 11). Erros e acertos vão caracterizando a caminhada acadêmica e a experiência cotidiana tem se encarregado de pôr em dúvida esta máxima, mostrando que nem sempre é assim. O alerta que se impõe ao professor é de que conduzir uma aula é muito mais do que fazer pelo fazer e que os novos tempos demandam profissionalismo e novos saberes.

Planejamento da ação pedagógica

Se questionarmos os docentes, vamos perceber que eles reconhecem a necessidade e importância do planejamento para o desenvolvimento da aula, mas daí para o que efetivamente ocorre no dia a dia fica muito longe. Gil (2007) considera o planejamento como pressuposto básico para o desenvolvimento de ações racionais. Ele se configura como condição essencial para o êxito do trabalho docente. “De fato, à medida que as ações docentes são planejadas, evita-se a improvisação, garante-se maior probabilidade de alcance dos objetivos, obtêm-se maior segurança na direção do ensino e também maior economia de tempo e energia.” (GIL, 2007, p. 99).

Sem planejamento e tempo dedicado ao preparo de suas aulas, os professores improvisam, seguem o livro texto linearmente, não preparam o material que será apresentado aos alunos, repassam artefatos retirados de textos, da Internet, sem fazer uma reflexão maior da finalidade e pertinência para a formação do aluno. O professor que não planeja coloca

em risco os fins que deseja atingir, pois o ato de planejar tem a finalidade de pensar e estabelecer os objetivos a alcançar. Logo, se ele não planeja, como sabe onde quer chegar?

O professor universitário enfrenta dificuldades no planejamento e execução das aulas decorrentes de lacunas ou inexistência de uma competência pedagógica⁶ para atuar como docente. Historicamente, não há uma preocupação manifesta em relação à formação do professor para atuar neste nível de ensino. A preparação do professor tem sido direcionada à pesquisa, esta tem sido a base e preocupação principal, só que do ponto de vista prático este terá que exercer o ensino como uma de suas atividades que vai ocupar grande parte de seu tempo. Muitos tornam-se professores em virtude de terem feito mestrado ou doutorado ou serem exemplares, estudiosos, reconhecidos em suas áreas de atuação profissional, sem um conhecimento pedagógico maior.

A formação centrada na pesquisa tem sido a perspectiva que orientou o perfil dos docentes, transformando-os em conhecedores especializados de uma determinada área científica, comprometendo, assim, uma compreensão mais ampla e integrada da universidade e da sociedade. A ausência de saberes e práticas voltados à docência tem provocado muitas reclamações e questionamentos, por parte dos alunos, no que diz respeito ao domínio de metodologias e didáticas de condução da aula.

Temos que estar atentos para algumas compreensões um tanto que equivocadas sobre a aula. Passamos a acreditar que a “boa” aula é aquela em que o aluno sai dizendo que o professor oportunizou atividades “leves”, deixou os alunos fazerem o que gostariam, foi “bonzinho” e, assim, não teve tanta exigência, foi pouco “trabalhosa”. É possível de compreender melhor isso quando remete-nos às posturas pedagógicas de professores que acreditam e apostam na aula “agradável”, “afetivista”, onde há pouco empenho do aluno, uma vez que as tarefas foram sugeridas pelo “professor amigo”. Silva (2008, p. 77) é enfática quando afirma: “Muitas vezes, os professores, em nome do rompimento com uma visão racionalista ou tecnicista, caminham na direção de um irracionalismo, uma concepção romântica e adocicada do trabalho educativo e da tarefa docente.”

A aula imprescinde de um bom planejamento. A crítica ao

trabalho de muitos professores é decorrente de ações espontaneístas, rotineiras, em que o aluno percebe logo que não há seqüência e o professor tem dificuldade de se situar. A insegurança e a falta de direção dão, de imediato, a clara noção de que ele não sabe para onde ir porque não tem um planejamento estruturado, no qual pode confiar. O “onde quero chegar” do professor está atrelado ao “para onde deverão ir” dos alunos. Se não houver clareza disto a aula estará sem rumo e o “barco” à deriva.

O planejamento da aula demanda tempo, atenção e cuidado com aspectos específicos de cada área. Veiga (2008) aponta três aspectos que considera fundamentais: a importância da relação professor-aluno como idéia nuclear; respeito à dimensão socializadora da aula; e considerar as condições, muitas vezes adversas, a serem enfrentadas pelos professores. “O objetivo principal da organização didática da aula é possibilitar um trabalho mais significativo e colaborativo, conseqüentemente, mais comprometido com a qualidade das atividades previstas.” (VEIGA, 2008, p. 274). A estruturação de uma aula é algo intencional e complexo, o que exige ser pensada em seus diferentes passos, evitando o improvisado, a ação mecânica e simplista.

O diálogo⁷ na relação educativa

Aluno e professor são diferentes e possuem papéis e responsabilidades específicas no processo pedagógico, o que significa dizer que as relações entre ambos devem ser mediadas pelo diálogo que é o que permite a convivência dos diferentes.

A primeira dessas idéias, que vai nortear toda a reflexão aqui exposta, é a de que uma aula não é algo que se dá, mas algo que se faz, ou melhor, que professores e alunos fazem, juntos. Afirmar que fazem juntos não significa, absolutamente, dizer que fazem de maneira igual. É na diferença e na reciprocidade de papéis que vai se constituindo o evento que se chama aula. (RIOS, 2008, p. 75).

Devemos eliminar as desigualdades, a dominação, a discriminação, mas conviver com a diferença, pois ela é necessária, uma vez que “[...] não há diálogo com o ‘mesmo’” (RIOS, 2008, p. 78).

A linguagem utilizada pelo professor, a forma de dirigir-se e tratar cada aluno, a maior ou menor diplomacia em tolerar determinadas atitudes em sala de aula, o reforço positivo às manifestações de aprendizagem, o uso de sinais e gestos corporais são alguns dentre tantos elementos que definem a natureza da prática pedagógica⁸ e seu êxito ou não. “A autoridade do professor tem relação com o reconhecimento pelo aluno de seu papel ativo ou não no diálogo em sala de aula.” (VEIGA, 2008, p. 293). Manter canais de comunicação abertos de forma permanente com o aluno possui conseqüências importantes no processo didático que permeia a aula.

A escola é denominada como espaço formal, para onde as pessoas vão para prender saberes, conhecimentos, que não aprendem em outro local ou aprendem de uma forma diferenciada, o que faz com que ela seja valorizada enquanto instituição social que produz e reproduz saberes sistematizados. Se ela não se distinguísse de outros espaços e não oportunizasse outras formas de aprender, não teria razão de existir, não se sustentaria. Ela precisa fazer aquilo que faz com competência e qualidade diferenciada. A escola “[...] é o espaço de uma educação intencional, sistematizada, para a qual se exige preparo, diretividade, rigor” (RIOS, 2008, p. 80). Este posicionamento da autora enfatiza a escola como local primordial para desenvolver métodos, processos, atitudes com o acompanhamento de um profissional preparado para isso, com conhecimento que lhe permita auxiliar e colocar à disposição dos aprendizes um ambiente e condições para que esta interação possa ocorrer.

Meirieu (2006) afirma que a sala de aula é um espaço e um tempo estruturados por um projeto específico que alia ao mesmo tempo e indissociavelmente a transmissão de conhecimento e a formação dos cidadãos. O professor Douglas Santos (2004) faz um questionamento pelo qual nos remete à essência da aula: o que ensinamos quando ensinamos uma determinada disciplina? Conteúdos? O que mais? O que o aluno absorve, aprende com nossa fala, atitudes, gestos, expressões? Quando falamos ou organizamos uma aula temos uma intenção e uma orientação teórica sobre este discurso. O que chega até o aluno? Que manifestações decorrem do aluno após nossa aula? É nisso que Freire (1997) baseia-se quando afirma a impossibilidade

da neutralidade política do professor. Sempre há uma orientação, algo que priorizamos em detrimento de outra; há o predomínio de uma forma de pensar em suspensão de outra. Não temos como trabalhar, como ensinar sem fazermos opções de jeitos de pensar e de formas de apresentar a realidade.

A autoridade do professor na sala de aula

Comumente ouvimos professores manifestarem-se fazendo alusão às dificuldades para manter a disciplina em sala de aula e para ter a atenção dos alunos. A falta de concentração, a ausência de limites e um certo desrespeito com o professor são pontos mencionados pelos professores como elementos comuns na sala de aula; como comportamentos considerados “normais” não só pelos alunos, como também pelos pais, pois os filhos fazem o mesmo em casa. Sem dúvida, há uma crise de autoridade em muitas salas de aula. Não se trata de acreditar que o professor deva atuar como absoluto e haver um silenciamento dos alunos. O que vemos é uma ausência do mínimo de condições para que o professor proponha qualquer tarefa. Rios (2008) afirma que há um certo esquecimento da autoridade, um desprezo, uma negação que compromete qualquer princípio de convivência.

De acordo com Abbagnano (1970), autoridade vem do latim , auctoritas e do francês, autorité, significando qualquer poder exercido sobre um homem ou grupo humano por outro homem ou grupo. É qualquer poder de controle das opiniões e dos comportamentos individuais ou coletivos, a quem quer que pertença esse poder. Para Ferreira (1999), é o direito ou poder de se fazer obedecer, de dar ordens, de tomar decisões, de agir; influência, prestígio, crédito; possui autoridade o indivíduo com competência indiscutível em determinado assunto. No nosso entendimento, a autoridade institui-se como competência sobre um determinado assunto e liderança sobre um grupo, fruto de uma convivência equilibrada e de reconhecimento mútuo entre aluno e professor. A noção de autoridade está associada à idéia de “coação”, de obediência a uma pessoa ou a normas, mas de forma legítima.

Qualquer autoridade externa que não respeite os limites que constituem essa marca da personalidade de cada ser humano é absolutamente indevida, ilegítima. Certamente, existem âmbitos maiores e menores para o exercício de uma autoridade, mas de modo geral não importa tanto a extensão dos limites quanto a adequação ou a pertinência dos mesmos. (MACHADO, 2008, p. 41).

Não podemos pactuar com o autoritarismo, a negação, a humilhação, pois o exercício da autoridade faz-se necessário para a convivência democrática. “A liberdade e a autonomia de professores e alunos é construída na relação, na reciprocidade. E articulam-se sempre com a responsabilidade. Os princípios éticos, mais uma vez, são a referência para essa construção.” (RIOS, 2008, p. 87). Os extremos, tanto de uma posição rígida do professor, sem qualquer flexibilidade, pendendo sempre para sua vontade, como a libertinagem, a negligência, descompromisso do aluno, são prejudiciais, deseducam e comprometem a liberdade e a responsabilidade que devem fundar o ato pedagógico.

Para Morais (2006), a autoridade é um valor que possibilita a liberdade. É constituída e precisa ser aceita. Está diretamente relacionada à responsabilidade. “Cabe ao professor, no uso de sua autoridade que, como disse, é inerente à sua função, auxiliar o educando a ir reconhecendo que a vida é diferenciada: tanto em coisas intransformáveis quanto em coisas que podem e devem ser modificadas.” (MORAIS, 2006, p. 24). Autoridade não tem a ver com imposição, mas com liderança. O professor deve ser perspicaz e inteligente o suficiente para perceber que a autoridade nasce da aceitação do outro de forma legítima.

A aula que desenvolvemos faz parte de um ritual passageiro que demonstra que o “lugar” onde estamos não nos pertence, nem somos donos, pois saímos e outros vão ocupá-lo para dar continuidade a um processo que se chama escolarização. A aula não tem sentido em si, pois ela está em razão de algo que existe anteriormente e continuará sendo, uma vez que sua razão de ser é que se vá além dela.

A forma como o professor conduz sua aula, os recursos didáticos que utiliza, o como concretiza seu planejamento está intrinsecamente

associada à sua personalidade. Entram em jogo, não somente conhecimentos específicos que transmite, como também elementos ligados à esfera pessoal, como tempo de magistério, experiência profissional na área que leciona, nível de formação e outros, que vão interferir na forma como conduz sua aula, como aborda os alunos, relaciona os conhecimentos, responde aos questionamentos.

A aula é uma célula que representa o todo da escola: o projeto político-pedagógico, o currículo, o projeto da área e o planejamento da disciplina. As aulas são, por sua vez, múltiplas, diversas, e expressam diferentes compreensões da Pedagogia e da Didática, da epistemologia das áreas, das características, valores e posturas de seus integrantes (PIMENTA, 2004, p. 159).

Quem faz, constitui a aula é o professor e seus alunos. Conseqüentemente, os interferentes que se cruzam são oriundos dessas duas partes. Os interesses, valores, posturas, surgem e constituem práticas de nossas salas de aula com interesses assimilados ou esquecidos, com aprendizagens concretizadas ou apenas encontros casuais com ou sem os quais tudo continuaria como está.

Rubem Alves, em uma conferência denominada “O educador como artista”⁹, traça um paralelo entre o trabalho do professor e o da cozinheira, onde procura demonstrar que o que esta faz é uma forma de arte que produz beleza ao mesmo tempo que provoca maior desejo em quem saboreia sua comida. Segundo ele, caberia ao professor transformar seu trabalho, a exemplo da cozinheira, produzindo desejo de tal forma que quanto maior fosse o conhecimento adquirido, maior ainda seria a vontade de novos conhecimentos, tornando seus alunos insaciáveis na busca do saber.

Pensamos que ele aborda uma questão que tem provocado muita discussão: o trabalho do professor está mais próximo da arte ou da ciência? Não vamos embarcar nessa polêmica, fazemos alusão a ela para afirmar que a sala de aula também é um espaço para se produzir beleza, desejo, provocar vontades. “O alcance das palavras e da atitude do professor se sustenta em sua possibilidade de pôr magia e encanto nos olhos de seus alunos, de ensinar-lhes a olhar o que não foi visto ainda, ou a olhar o mesmo, como se novo fosse.”(AMORIM e

CASTANHO, 2008, p. 107). A aula não se constitui unilateralmente como oportunidade para disseminar conceitos científicos ou dominar teorias, nela também há espaço para a poesia e o sonho.

Não poucas vezes os alunos clamam por aulas criativas, que saiam da rotina. “Professor, poderíamos fazer algo diferente hoje!” O que eles realmente desejam? Aulas mais dinâmicas ou pouca exigência? É necessário ponderação e calma para não nos empolgarmos e acreditar que podemos criar variações para cada aula. As atividades de uma sala de aula são diferenciadas de outros espaços, exigem mais concentração, mais atenção, empenho, rigorosidade metódica, raciocínio aguçado, enfim, são de outra natureza e, portanto, em certo sentido, menos agradáveis. Ousar e rever metodologias, constitui-se num motivador dos alunos. O fundamental é não temer e chamar os alunos para a sua responsabilidade no processo, descobrir seu lugar, provocar o surgimento de novos sentidos.

A aula pode se constituir, pelo tipo de interações e relações que nela se fazem, em um espaço de produção de sentidos favorecedores de produções personalizadas e criativas, que, por sua vez, podem se converter em estímulos para a produção de novos sentidos subjetivos e produções criativas mais frequentes e sistemáticas. (MARTÍNEZ, 2008, p. 133).

Quando os alunos são envolvidos e chamados a assumirem o compromisso das tarefas, parte do objetivo da aula desloca-se da figura centralizada do professor para outros agentes, abrindo novas possibilidades e experiências. Ao entrar em ação o “pensar” dos alunos, teremos menos probabilidade de reprodução e mais criação. As dúvidas, questionamentos, perguntas surgirão de diferentes sujeitos, estendendo a rede de conexões, aumentando a compreensão e a aprendizagem. O envolvimento do aluno, também, é uma forma de romper com resistências que vêm deles no sentido de que quem tem que dar aula é o professor, cabendo ao aluno assistir ou trabalhar o mínimo necessário. Estudar de outra forma exige dedicação, vencer a acomodação. Adotar uma postura mais cômoda e passiva pode ser ideal para quem apenas quer cumprir a formalidade de estar em aula. Não se constrói uma

escola de boa qualidade e com bom desempenho na aprendizagem somente com professores motivados e formados, a participação e expressão ativa dos alunos é essencial.

Um questionamento que poderia ser feito é o que diz respeito ao espaço onde se desenvolve a aula. Ele interfere no desenvolvimento da mesma? Contribui? Prejudica? Qual a relação do maior ou menor êxito de uma aula com o espaço onde é realizada? Existem espaços convencionais e os não-convencionais. Em qualquer um deles pode ser desenvolvida a aula. Pensamos que se o espaço for organizado e próprio para isso, é um fator a menos para preocupar o professor, pois, quando o local não oferece as condições, pode interferir no bom desenvolvimento das aulas. Não podemos esquecer que há exemplos na literatura de aulas que foram desenvolvidas nos mais variados locais, inclusive debaixo de árvores.

Xavier e Fernandes (2008, p. 262-3) são enfáticos ao se pronunciarem sobre o espaço da aula. Para eles, ela está onde existem pessoas interessadas em aprender, mobilizadas pela força do conhecimento e pela percepção de sua aplicabilidade.

[...] nenhum espaço de aula conseguirá desencadear processos de construção de conhecimento, se os envolvidos, principalmente o professor ou mediador, em sua liberdade pedagógica, não for capaz de reinventar cada aula como um acontecimento único para um público especial, considerando que a sociedade atual está cada vez mais exigente e influenciada pela comunicação e inovação tecnológicas.

Em síntese, não nos parece que o espaço/local seja o elemento interferente principal para se justificar a falta de êxito do professor ou insucesso do aluno quanto à aprendizagem. É um interferente, mas não definitivo.

Epílogo ou da aula enquanto espaço de vida e de contradição

Há uma concepção arraigada no cenário educacional de que a boa aula é a que transcorre na harmonia, no consenso, onde todos convivem sem discordâncias. No entanto, alguns estudos recentes estão

demonstrando a importância da superação da aula baseada em conceitos, palavras técnicas, que são decodificadas e interiorizadas (assimiladas) pelos alunos, por uma prática que leve em consideração a complexidade e a contradição.

A sala de aula¹⁰ é um lugar onde devem se produzir sentidos, pois o professor deverá se constituir como um especialista do sentido do saber e não como um mediador de informações. Estas os alunos encontram e obtêm pelos mais diversos canais. A relação e entrelaçamento destas informações é tarefa mais complexa e cabe ao professor trabalhar nelas. A organização e exploração destas informações, a descoberta dos sentidos presentes nelas permite a construção do saber. Mas, para que orientemos o trabalho do professor nesta direção, é necessário que repensemos as metodologias utilizadas e a própria formação do docente.

Para Charlot (2008),¹¹ o professor vive e atua na contradição. A vida é contradição. Não há como ser professor sem trabalhar a contradição. Devemos trabalhar para superá-las em razão dos objetivos que queremos atingir e não querer acabar com elas. Existem tensões inerentes ao próprio ato de educar e ensinar. Quando são mal geridas, essas tensões viram contradições, sofridas pelos docentes e pelos alunos. A pedagogia do consenso acredita que é possível viver sem conflito, o que não condiz com a dinâmica estrutural da sociedade. O educador deve ter a consciência dessas contradições e qual sua repercussão no ato pedagógico, qual sua interferência na sua vida profissional, que mudanças provoca? Pois, não depende da sua vontade que elas entrem ou não na escola.

A aula passa a ser o ambiente onde concretamente o professor sente e vive a contradição. Ela surge em função das diferentes individualidades que ali interagem. Nela estarão pessoas de diferentes instâncias sociais, com suas aspirações, necessidades, desejos e será preciso estar preparado para trabalhar com elas para que respeitemos seus direitos, especialmente no que se refere às suas diferenças; caso contrário, nosso trabalho será de “apaziguar” as diferenças, sem entrar no mérito do direito de cada um. E, no nosso entendimento, a aula deve ser ambiente e espaço de aprendizagem de saberes e da dinâmica da vida. Este é o sentido maior da escola.

Notas

⁴ Doutor em Educação – UFRGS. Professor da URI – Campus de Erechim.

¹ Há, na literatura que trata do tema, muitas considerações sobre a conexão entre aula e sala de aula. É muito comum encontrarmos referências à aula como o que acontece na sala de aula. Portanto, não pretendemos estabelecer semelhanças ou diferenças, mas deixar claro que vamos adotá-las como conceitos próximos, entrelaçados, intrínsecos.

² É importante que o leitor atente para o fato de que usamos a expressão “informação” de forma consciente e que temos clareza que para que essa informação seja transformada em conhecimento é necessário muito mais que o simples acesso a ela.

³ Prestemos atenção em algumas contradições encontradas no cenário atual. Queremos fazer algo diferente do processo de escolarização convencional, mas continuamos chamando os interlocutores de “alunos” e os novos espaços de “sala virtual”, “sala de bate-papo”, ... Em outras palavras, não conseguiremos, tão facilmente, libertar-nos da carga inconsciente das práticas sociais que nos construíram, pois não esqueçamos que mesmo que queiramos criar novas possibilidades, somos herdeiros da cultura e da tradição da “sala de aula”.

⁴ SILVA, E.F. da A aula no Contexto histórico. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.) Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. São Paulo: Papirus, 2008.

⁵ Morosini (2006) apresenta um Glossário onde define inúmeros termos que permitem maior compreensão sobre o Ensino Superior. Neste, apresenta a docência superior como “[...] as atividades desenvolvidas pelos professores, orientadas para a preparação de futuros profissionais. Tais atividades são regidas pelo mundo da vida e da profissão, alicerçadas não só em conhecimentos, saberes e fazeres, mas também em relações interpessoais e vivências de cunho afetivo, valorativo e ético, o que indica o fato da atividade docente não se esgotar na dimensão técnica, mas remeter ao que de mais pessoal existe em cada professor” (MOROSINI, 2006, p. 374).

⁶ “Capacidade de atuar nos cenários educativos com uma atitude crítico-reflexiva diante do saber científico, do comportamento ético e da experiência estética.” (MOROSINI, 2006, p. 358).

⁷ Nos apoiamos em de Müll (apud ECCO, 2004, p. 10) para explicitar o que entendemos por diálogo e o sentido que lhe damos”. “Dialogar significa pronunciar o mundo, dizer e escrever a vida, ler e interpretar a realidade em que se vive, tomar a história nas mãos e torná-la compreensível, construí-la, reconstruí-la.”

⁸ Acreditamos oportuno apresentar a compreensão de Morosini sobre este conceito para melhor situar o leitor do que entendemos por prática pedagógica. “Prática intencional de ensino e de aprendizagem, não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender.” (2006, p.447).

⁹ ALVES, R. O educador como artista. Congresso Qualidade em Educação. Belo Horizonte, 1995.

¹⁰ Recorremos a Morosini no intuito de subsidiar nossa reflexão com uma definição mais precisa sobre a sala de aula e que traduz a idéia de contradição. “Espaço privilegiado, um locus por onde transitam diferentes concepções e história de ensinar e aprender, construindo um território demarcado pelos conflitos, encontros e possibilidades de construir ou destruir a capacidade humana, que é a dialética da vida: teoria e prática, conteúdo e forma, sentimento e imaginação, aceitação e rejeição.”(2006, p. 451).

¹¹ CHARLOT, B. Ser professor (a) na sociedade contemporânea: desafios e contradições. Palestra proferida no I Simpósio Nacional de Educação. Erechim/RS, 2008.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- AMORIM, V. e CASTANHO, M. E. **Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação**. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.) *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. São Paulo: Papirus, 2008.
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CORDEIRO, Telma de S. Clara **A aula universitária, espaço de múltiplas relações, interações, influências e referências**. In: CUNHA, Maria I. da (org.) *Reflexões e práticas em pedagogia universitária*. São Paulo: Papirus, 2007.
- ECCO, I. **A prática educativa escolar problematizadora e contextualizada: uma vivência na disciplina de História**. Erechim: Edifapes, 2004.
- FERREIRA, Aurélio B. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2007.
- MACHADO, Nilson José. **Educação e autoridade: responsabilidade, limites, tolerância**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- MARTÍNEZ, A. M. **A criatividade como princípio funcional da aula: limites e possibilidades**. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.) *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. São Paulo: Papirus, 2008.
- MARTINS, P. L. O. e ROMANOWSKI, J.P. **A aula: distribuição ou sistematização coletiva do conhecimento?** In: *Anais do XIV ENDIPE*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- MASETTO, Marcos (org.) **Docência na universidade**. São Paulo: Papirus, 2003a.

_____. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2003b.

MEIRIEU, P. **Carta a um jovem professor.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORAIS, R. **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas?SP: Papyrus, 2006.

MOROSINI, Marília C. (org.) **Enciclopédia de pedagogia universitária – Glossário, vol. 2.** Brasília: INEP, 2006.

PIMENTA, S. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

RIOS, T. A. **A dimensão ética da aula ou que nós fazemos com eles.** In: VEIGA, Ilma P. A. (org.) **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas.** São Paulo: Papyrus, 2008.

SANTOS, Douglas. **Uma consultoria para a educação escolar no Amapá: relatórios de discussões.** São Paulo: PUC/Instituto de Estudos Especiais, 2004.

SILVA, E.F. da **A aula no Contexto histórico.** In: VEIGA, Ilma P. A. (org.) **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas.** São Paulo: Papyrus, 2008.

VEIGA, C.G. **Lições de pedra: a sala de aula e a produção do aluno.** In: VIELLA, M. dos A. (org.) **Tempos e espaços de formação.** Chapecó: Argos, 2003.

VEIGA, Ilma P. A. (org.) **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas.** São Paulo: Papyrus, 2008.

_____. **O cotidiano da aula universitária e as dimensões do projeto político-pedagógico.** In: CASTANHO, S. e CASTANHO, M.E. (orgs). **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** Campinas: Papyrus, 2001.

XAVIER, O. S. e FERNANDES, R. C. de A. **A aula em espaços não-convencionais.** In: VEIGA, Ilma P. A. (org.) **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas.** São Paulo: Papyrus, 2008.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

Abstract:

**LEARN-UNLEARN-RELEARN: THE MOMENTUM OF
THE UNIVERSITY CLASS**

The produced text aims to develop a reflection on the relevance and school space in the context of the university teaching. It has been talked a lot about the change in daily life and their impact on the school life and on the professor activities. What of truth really has in that? What practice changes will occur to the classroom? Do the new technologies will supplant the teacher's work? This question has been on the sidelines and has not been the concern of many professors who continue "giving" class as if nothing different was happening in society and knowledge. Because of the lack of specific nature education training, he keeps his routine without being disturbed by the criticism of students, remaining firm and convinced that "who knows, teaches." Our concern is to provoke educators, students, prospective teachers and other staff, to ask themselves about how they see their lesson and what could be different in it.

Keywords: Class; Professor; Planning.

Recebido em 15 de maio de 2008.

Aceito em 29 de junho de 2008.

